

COMENTÁRIO  
EXEGÉTICO

KAREN  
H. JOBES

# 1 PEDRO

SEGUNDA EDIÇÃO REVISADA E ATUALIZADA



VIDA NOVA

# Sumário

<i>Prefácio da série Comentário Exegético</i> .....	ix
<i>Prefácio da série no original</i> .....	xiii
<i>Prefácio da autora à segunda edição</i> .....	xv
<i>Prefácio da autora à primeira edição</i> .....	xvii
<i>Reduções gráficas</i> .....	xxi
<i>Transliteração</i> .....	xxvii
<i>Mapa</i> .....	xxix
Introdução a 1Pedro .....	1
Texto e comentário .....	75
I. Saudação à Diáspora cristã da Ásia Menor (1.1-2).....	75
A. O autor e os destinatários (1.1) .....	76
B. Escolhidos por Deus (1.2a,b,c).....	87
C. A saudação (1.2d).....	95
II. Abertura da carta: restauração da confiança para o povo de Deus (1.3—2.10).....	99
A. A doxologia como base da vida cristã (1.3-12).....	101
1. Doxologia de abertura (1.3-5).....	104
2. Alegria e sofrimento na nova vida (1.6-9).....	114
3. A vantagem do cristão sobre os profetas e até sobre os anjos (1.10-12).....	121
B. Sejam o que vocês são (1.13—2.3).....	130
1. Sejam filhos do Pai (1.13-21).....	131
2. O amor cristão significa transformação moral (1.22—2.3).....	148

C. A identidade do povo de Deus (2.4-10).....	168
1. Uma casa espiritual e um sacerdócio santo (2.4-8) .....	170
2. Vocês agora são o povo de Deus (2.9-10) .....	187
III. Como povo de Deus, vivam uma vida santa (2.11—4.11).....	196
A. Comportamento social recomendável como povo de Deus (2.11—3.7).....	198
1. Evangelização pelo estilo de vida (2.11-12) .....	199
2. Submetam-se até mesmo às autoridades pagãs (2.13-17).....	207
3. O exemplo de Cristo na unidade mais básica da sociedade (2.18—3.7).....	213
B. As qualidades interiores da vida de retidão (3.8-12).....	255
C. Sofrendo injustamente pelo nome de Cristo (3.13—4.11).....	269
1. Sofrendo por fazer o bem (3.13-17).....	270
2. A vitória de Cristo sobre o sofrimento injusto (3.18-22) .....	280
3. Vivendo a vitória de Cristo em um mundo incrédulo (4.1-6) ...	307
4. Vivendo a vitória de Cristo na comunidade cristã (4.7-11).....	322
IV. Consolação para o rebanho que sofre (4.12—5.11) .....	334
A. Ponderações finais sobre sofrer por Cristo (4.12-19).....	335
B. Exortações finais à igreja (5.1-11) .....	352
1. Cristo pastoreia seu rebanho por meio dos presbíteros (5.1-5)...	353
2. Aceitando os tempos difíceis, permanecendo firmes e confiando em Deus (5.6-11).....	367
V. Encerramento da carta: palavras finais e saudações (5.12-14).....	376
A. Silvano — amanuense, mensageiro ou ambos? (5.12a).....	377
B. Permaneçam firmes na verdadeira graça de Deus (5.12b).....	381
C. Aquela que está na Babilônia, eleita com vocês (5.13) .....	383
Excursão: A sintaxe de 1Pedro: afinal, o quanto é bom o grego da carta? .....	386
<i>Bibliografia</i> .....	401
<i>Índice remissivo</i> .....	427
<i>Índice de palavras gregas</i> .....	437
<i>Índice de passagens bíblicas e de outros escritos antigos</i> .....	439

## Prefácio da série *Comentário Exegético*

Conforme narrado no livro de Atos, o encontro entre Filipe e o eunuco etíope na estrada de Jerusalém a Gaza foi obra do Senhor (At 8.26–39). Esse etíope trazia consigo uma cópia de pelo menos parte das Escrituras e estava lendo o livro do profeta Isaías. Ao ouvi-lo ler, Filipe indagou: “O senhor entende o que está lendo?” (At 8.30).

Ao escrever um comentário, é difícil almejar propósito mais premente do que este: *achegar-se ao leitor das Escrituras para conduzi-lo à compreensão do significado do que lê* — e fazê-lo de modo não apenas informativo, mas também transformador. Esse é o objetivo da série *Comentário Exegético*, de Edições Vida Nova. Seu trabalho interpretativo não pode ter melhor razão para existir nem melhor objetivo. Serve ao propósito de conduzir o leitor à interpretação precisa do texto das Escrituras, além de proporcionar um meio de confirmação e validação das interpretações às quais seu estudante tenha chegado no processo hermenêutico e exegético, visando à aplicação pessoal ou à exposição da mensagem escrita. Isso porque vivemos em um mundo caído e aflito que precisa de direção. Precisa, portanto, da Palavra de Deus.

Mas o caminho da leitura à prática nem sempre é direto e rápido. Para compreender o texto bíblico, são necessárias boas ferramentas e, entre as mais úteis, estão os comentários bíblicos. Existem vários tipos de comentários. Os que integram a série *Comentário Exegético* são daqueles que se aprofundam na compreensão do texto original da Bíblia por meio de uma exegese detalhada, justamente com o propósito de levar o leitor das Escrituras à prática da vontade de Deus.

Assim, os comentários desta série apresentam as seguintes características:

- aliam profundidade acadêmica e facilidade de leitura;
- atendem às necessidades de pastores e demais pregadores da Palavra inspirada;

- são compreensíveis ao leigo interessado no conhecimento mais profundo das Escrituras;
- são minuciosos no tratamento de cada texto, sem exagerar nos detalhes;
- tratam a exegese não como um fim em si mesma, mas como recurso para a compreensão do todo;
- apresentam os aspectos das línguas originais de forma acessível;
- têm o objetivo de entender a perícopes em seu contexto, associando cada passagem ao que vem antes e depois;
- reúnem autores que pertencem a uma tradição teológica conservadora e são oriundos de diversas orientações dentro do universo evangélico;
- buscam representar o texto original de modo apurado, claro e que faça sentido para o leitor de hoje.

Além dessas características, há aspectos que diferenciam os comentários que compõem esta série.

Primeiro, e acima de tudo, eles se ocupam do texto das Escrituras. Não significa que não deem atenção ao longo desenvolvimento das pesquisas escriturísticas e ao debate acadêmico. Significa, sim, que se esforçam em apresentar um comentário *do texto* e não do debate acadêmico. Portanto, o resultado central e principal desse trabalho é um guia de fácil leitura, reservando para as notas de rodapé (ou notas adicionais no final de cada seção) a interação com as questões críticas e a respectiva literatura técnica. Ocupar-se, porém, do texto das Escrituras não significa que a série tenha evitado certos métodos críticos ou tenha exigido que cada autor siga uma abordagem definida. Em vez disso, foram adotadas as abordagens e os métodos necessários, sempre norteados pelo propósito maior de ajudar cada autor na tarefa de deixar claro o significado desses textos.

Em segundo lugar, os autores da série identificam-se conscientemente como seguidores de Cristo que leem as Escrituras a serviço da igreja e de sua missão no mundo. Ler as Escrituras dessa forma não significa garantir algum tipo específico de interpretação. Significa entender que, na história da interpretação, há épocas em que as Escrituras trazem uma palavra necessária de confronto, chamando o povo de Deus de volta a sua vocação. Já em outras ocasiões, as Escrituras oferecem uma palavra de consolo, lembrando o povo de Deus de sua identidade, de que ele segue a um Messias crucificado e serve a um Deus que vindicará os caminhos dele e de seu povo.

A terceira característica que distingue esta série é o fato de seus comentários reconhecerem que nossa leitura das Escrituras não pode estar descolada da realidade do mundo em favor do qual a igreja cumpre sua missão, pois como

C. S. Lewis assinalou, com razão, em seu conto *O sobrinho do mago*, “o que você ouve e vê depende do lugar em que se coloca”.<sup>1</sup> Esse lugar é o mundo em que estamos, o qual nos pressiona com perguntas que não deixam de instruir nosso trabalho de interpretação. Assim, não basta expor aquilo que Deus disse outrora, pois precisamos ouvir vezes sem conta aquilo que o Espírito, por meio das Escrituras, está dizendo à igreja hoje. Por conseguinte, precisamos examinar o significado teológico daquilo que lemos e como essa mensagem pode fincar pé no coração das pessoas.

Por último, a série *Comentário Exegético* foi elaborada por meio da seleção de volumes oriundos de algumas das melhores e mais atualizadas séries de comentários produzidas em língua inglesa. São obras que se situam em um ponto intermediário entre comentários mais críticos e acadêmicos — que incluem citações não traduzidas do grego, do aramaico ou do latim, por exemplo — e comentários homiléticos — os quais tentam trocar em miúdos como um texto das Escrituras pode ser transmitido, em forma de ensino ou pregação, à igreja reunida.

Nossa esperança é que aqueles que estão se preparando para ensinar e pregar a Palavra de Deus encontrem nestas páginas a orientação de que precisam. E que aqueles que estão aprendendo a fazer exegese encontrem aqui um exemplo a ser seguido.

É com imensa satisfação, portanto, que disponibilizamos à igreja brasileira esta preciosa série de comentários bíblicos.

---

<sup>1</sup>*As crônicas de Nárnia* (São Paulo: Martins Fontes, 2009), livro 1: *O sobrinho do mago*.

## Prefácio da série no original

O principal objetivo da Baker exegetical commentary on the New Testament (BECNT) é oferecer, no contexto do pensamento evangélico intelectualizado, comentários que combinem erudição profunda com facilidade de leitura, detalhamento exegético com sensibilidade ao todo e atenção a problemas críticos com percepção teológica. Esperamos assim atrair o interesse de um público bastante amplo, do especialista em busca de um exame equilibrado e ponderado do texto ao resoluto cristão leigo ávido por uma exposição sólida, mas acessível.

No entanto, um propósito essencial é atender às necessidades de pastores e outros envolvidos na pregação e exposição das Escrituras como a exclusiva Palavra de Deus inspirada. Essa consideração tem influência direta nos parâmetros da série. Por exemplo, o expositor bíblico sério não se permite depender de um tratamento superficial que evite as questões difíceis, nem tem interesse em comentários enciclopédicos que pretendem abranger toda e qualquer questão imaginável que possa ser levantada. O nosso objetivo, portanto, é focar os problemas que pesam diretamente no significado do texto (embora detalhes técnicos selecionados sejam tratados nas notas adicionais) ou que constituem desafios inevitáveis para a interpretação.

Da mesma maneira, há o especial empenho em evitar o tratamento de questões exegéticas em razão de si mesmas, em relativo isolamento do fluxo do argumento como um todo. Esse esforço pode envolver (a critério do colaborador individual) o abandono do tratamento versículo a versículo em favor de uma exposição cuja atenção concentra-se no parágrafo como unidade principal de pensamento. Em todos os casos, porém, os comentários acentuarão o desenvolvimento do argumento e relacionarão explicitamente cada passagem ao que a antecede e a sucede, de modo a identificar sua função no desenvolvimento do argumento tão claramente quanto possível.

Creemos, ademais, que um comentário exegético confiável deve levar plenamente em conta a pesquisa erudita mais recente, a despeito de sua fonte. Nesse sentido, os colaboradores desta série procuram evitar essas duas ciladas.

Por um lado, eles não consideram que as opiniões tradicionais sejam sacrossantas e estão comprometidos em fazer justiça ao texto bíblico à luz das evidências convincentes independentemente de ele apoiar tais opiniões. Por outro lado, eles não abandonarão uma visão consagrada, no caso de haver evidências convincentes a seu favor, em benefício de teorias que talvez na atualidade estejam mais na moda. Contribuindo para esse equilíbrio é a defesa dos colaboradores da fidedignidade e unidade essencial das Escrituras. Eles também consideram que as formulações históricas da doutrina cristã, tais como os credos ecumênicos e muitos documentos surgidos na Reforma do século 16 e de seus desdobramentos, tiveram origem em uma leitura legítima das Escrituras, fornecendo assim uma estrutura valiosa para sua interpretação mais detalhada. Embora o respeito pelas formulações de um cristianismo consensual clássico (Thomas Oden) pode correr o risco de uma imposição de uma tradição sobre o texto, negamos que isso deva necessariamente acontecer ou que a rejeição de qualquer hermenêutica que esteja de acordo com a tradição cristã resulta automaticamente em *insights* e exposições exegéticas mais válidas.

Em outras palavras, não consideramos que convicções teológicas exegeticamente justificáveis sejam obstáculos à interpretação bíblica. Ao contrário, um exegeta que espera entender o apóstolo Paulo em um vácuo teológico poderia da mesma forma tentar compreender Aristóteles sem levar em consideração o arcabouço de toda sua obra ou sem recorrer àquelas categorias subsequentes que possibilitam uma contextualização significativa de seu pensamento. Ao mesmo tempo é importante mencionar que os colaboradores da presente série representam uma gama considerável de perspectivas hermenêuticas e orientações eclesiais. Enfim, o que importa de fato é representar o texto original com fidelidade, clareza e relevância para o leitor contemporâneo à luz de todas as informações e considerações relevantes que podem e devem ser levadas em conta.

Empregou-se o sombreado para ajudar o leitor a localizar seções proeminentes no tratamento de cada passagem. Isso é usado particularmente em comentários introdutórios e resumos finais. As variantes textuais no texto grego são tratadas nas notas adicionais no final de cada unidade exegética com base em uma análise do problema textual. A documentação usa o método autor e data, em que a referência básica consiste no sobrenome do autor + ano + número(s) de página(s): Fitzmyer 1992: 58. As únicas exceções a esse sistema são as obras de referência de conhecimento geral (e.g., *BDAG*, *LSJ*, *TDNT*). Os dados completos de publicação e um completo conjunto de índices podem ser encontrados no final do volume.

Robert W. Yarbrough  
Joshua W. Jipp



## Prefácio da autora à segunda edição

É um privilégio revisar este comentário publicado anteriormente sobre 1Pedro, pelo qual agradeço à Baker Academic. Mantive as três contribuições distintivas da edição de 2005:

1. No que diz respeito ao contexto histórico de 1Pedro, defendo a teoria de que os cristãos a quem Pedro escreve foram convertidos em outro lugar, possivelmente em Roma, e foram então deslocados para a Ásia Menor. Pedro, com quem eles tinham alguma associação anterior, escreve a esses “forasteiros e estrangeiros residentes”, usando a situação concreta que experimentam para fortalecer sua aplicação espiritual do motivo desta vida terrena como um exílio do seu lar celestial. Embora essa continue a ser uma opinião minoritária, na ausência de provas existentes de como o cristianismo chegou subitamente ao norte da Ásia Menor, acredito que deveria permanecer uma opção viável.

2. Com base no meu trabalho posterior desde 2005, desenvolvo o papel das Escrituras Judaicas Gregas (LXX/VGA) na interpretação de 1Pedro. Ao interpretar sua carta em contraposição ao contexto bíblico das passagens citadas da LXX/VGA, procuro utilizar um método exegético que seja mais fiel à origem histórica da carta.

3. Mantive o excuro com a sua análise da sintaxe de 1Pedro baseada em princípios linguísticos de interferência bilíngue, questionando a opinião predominante de que a alta qualidade do grego é boa demais para que Pedro a tenha escrito. A análise conclui que a sintaxe do texto grego de 1Pedro apresenta interferência semítica consistente com um autor de língua semítica para quem o grego era uma segunda língua.

Algumas das características do comentário são as seguintes:

- uma tradução atualizada em inglês baseada no texto grego de NA<sup>28</sup> e realizada em conjunto com traduções recentes elaboradas por outros estudiosos;
- o uso das traduções do autor de passagens de 1Pedro, salvo indicação em contrário;

- o uso da NIV na citação de outros livros bíblicos, salvo indicação em contrário;
- a inclusão de mais informações crítico-textuais para algumas das citações do AT em 1Pedro;
- o uso contínuo da exegese histórico-gramatical como minha principal metodologia de interpretação;
- uma seção adicional na introdução intitulada “O uso do AT em 1Pedro”, um assunto que merece estudo permanente;
- o uso de terminologia padronizada para se referir à tradução grega da Bíblia Hebraica, usando “LXX” em referência aos livros do Pentateuco, “VGA” (Versão Grega Antiga) em referência aos livros das Escrituras Hebraicas além do Pentateuco, e “LXX/VGA” em referência à coleção completa da tradução grega mais antiga. O uso tradicional do termo “Septuaginta” ainda é mantido quando a referência é ao AT grego sem distinguir uma forma específica, da mesma forma que podemos nos referir à “Bíblia Inglesa” sem especificar uma tradução específica.

Eu gostaria de agradecer em especial ao Dr. Bryan Dyer, editor de aquisições da Baker, por seu incentivo na revisão deste comentário. Meus agradecimentos e apreço a Jennifer Koenes, da Baker, por orientar este comentário durante seu processo de revisão, e a Bob Banning, por sua experiência em edição. O trabalho deles melhorou a clareza e a fluidez deste volume. Meus agradecimentos aos editores da série, Robert Yarbrough e Joshua Jipp, por sua supervisão e sugestões editoriais, que melhoraram esta revisão. Quaisquer falhas remanescentes são de responsabilidade exclusivamente minha.

Reconheço com gratidão as possibilidades e os benefícios da cátedra Gerald F. Hawthorne no Wheaton College, que me permitiu prosseguir com as pesquisas de meu interesse que contribuíram para a revisão deste comentário. O acesso contínuo às bibliotecas do Wheaton College, do Westminster Theological Seminary e do Princeton Seminary foi inestimável para minha obra mais recente.

Por último, mas não menos importante, expresso a mais profunda gratidão ao meu marido pelo apoio contínuo ao meu trabalho. É a ele que este comentário é dedicado com sincero apreço pela nossa vida juntos.

Karen H. Jobes  
Philadelphia, Pensilvânia

## Prefácio da autora à primeira edição

Escrever um comentário é um esforço desafiador. Primeiro, fica-se limitado pelo fluxo e conteúdo do próprio texto bíblico. Em vez de termos a liberdade de permitir que nossos pensamentos sejam estruturados como bem quiserem, o autor de um comentário tem a obrigação de seguir a estrutura do texto bíblico, mesmo nos pontos cujo sentido seja difícil ou obscuro. Segundo, após cerca de dois mil anos de reflexão sobre o Novo Testamento (NT), é intimidante a tarefa de afirmar algo novo o suficiente para justificar mais um comentário, mas não tão inovador a ponto de ser herético. Não obstante, é sem dúvida um grande privilégio apresentar a herança interpretativa da igreja cristã sob uma nova luz aos leitores da Bíblia sérios de hoje.

Neste comentário, espero oferecer três contribuições distintas a essa herança. Primeira, apresento uma nova teoria a respeito do contexto histórico do livro de 1Pedro. A tradição interpretativa tem presumido que a carta foi escrita para cristãos nativos da Ásia Menor, convertidos pela evangelização do apóstolo Paulo em suas viagens entre Jerusalém e Roma ou por evangelistas anônimos procedentes das igrejas paulinas. Este comentário apresenta o cenário segundo o qual os cristãos a quem Pedro escreve foram convertidos em outro lugar, provavelmente Roma, sendo depois deslocados para a Ásia Menor. Pedro, com quem já desfrutavam de alguma associação prévia, escreve a esses “forasteiros e estrangeiros residentes”, recorrendo à situação pessoal deles para fortalecer sua aplicação espiritual do tema central.

Segunda, procuro tornar mais acessível ao leitor o papel das Escrituras Hebraicas Gregas (LXX/VGA) na interpretação de 1Pedro. Foi a antiga tradução grega do Antigo Testamento (AT) que deu forma ao contexto escriturístico no qual Pedro escreveu. Quando cita o AT, Pedro não lança mão de textos-prova, mas aplica aos seus leitores cristãos na Ásia Menor o contexto da passagem conforme ela ocorre na Antigo Testamento Grego. Ao interpretar essa carta contrastando-a com o contexto das passagens citadas da LXX/VGA, procuro utilizar um método exegético mais fiel à origem histórica da carta.

Terceira, ao apresentar uma análise da sintaxe de 1Pedro baseada nos princípios de interferência bilíngue, este estudo põe em questão o reiterado conceito sobre a alta qualidade do grego de seu autor. A análise conclui que a sintaxe apresenta elementos consistentes com um autor de fala semita para quem o grego era uma segunda língua.

Sou grata a Jim Kinney, da Baker Academic, e a Moisés Silva pelo convite para contribuir com esta série. Agradeço especialmente a Wells Turner e Robert Yarbrough por sua supervisão e seu trabalho editorial. Em razão da crítica deles, este livro ficou melhor do que teria sido se tivesse ficado como estava. Também sou grata a meus colegas Bruce Fisk, Bob Gundry, George Guthrie, Moisés Silva, Frank Thielman e Diana Trautwein pelo tempo que empregaram lendo certas seções do comentário e pelas melhorias que sugeriram. Seus comentários oportunos foram um grande encorajamento para mim na hora certa. Quaisquer erros e falhas que ainda restem são obviamente de minha total responsabilidade.

Al Pietersma forneceu o texto da *NETS* usado nas citações antes de estar disponível na forma impressa, pelo que lhe sou grata. Quando traduzimos 1Pedro juntos nos semestres de primavera de 1999 e 2000, meus estudantes de língua grega no Westmont College levantaram muitas questões que me auxiliaram a identificar opções exegéticas para reflexão mais aprofundada. Os debates nas aulas com os estudantes do Westmont em minha disciplina de Epístolas Gerais, na primavera de 2002, deram-me a oportunidade de pensar em voz alta acerca da mensagem de 1Pedro. Os estudantes de minha disciplina de 1Pedro no Regent College, no verão de 2002, se envolveram comigo no texto da perspectiva de pessoas com muita experiência no ministério da igreja, levantando algumas questões difíceis sobre o significado e a relevância dessa antiga epístola para a igreja hoje. Sou grata pela presença de todas essas pessoas em minha vida, as quais me ajudaram formar esta obra.

Karin Gluck, secretária acadêmica do Departamento de Estudos da Religião em Westmont College, ajudou-me a economizar muito tempo em rastrear livros e artigos de revistas. Reconheço o apoio profissional que ela me proporcionou de forma tão prestimosa. Tenho um débito de gratidão para com várias pessoas da equipe da biblioteca do Westmont College, que me orientaram e providenciaram empréstimos em tempo hábil entre bibliotecas até mesmo para obras desconhecidas. Sou especialmente grata a Ruth Angelos, Richard Burnweit, Claudia Scott e Kristyn Thurman, e a seus trabalhadores estudantes. Meus colegas de docência Michael Sommermann e Aleta Anderson proporcionaram valiosíssimo auxílio com alguns textos em alemão, pelo que lhes sou agradecida.

Agradeço ao Westmont College por me conceder o tempo sabático que possibilitou a conclusão desta obra. Meus queridos colegas do Departamento de Estudos da Religião cobriram muitas tarefas durante minha ausência de um ano das responsabilidades departamentais. Sou-lhes profundamente grata. Por último, mas com certeza não o menos importante, expresso a mais profunda gratidão ao meu marido pelo seu incessante apoio ao meu trabalho. É a ele que dedico este comentário com sincero apreço pela nossa vida juntos.

# Reduções gráficas

## Bibliográficas e gerais

<i>ABD</i>	FREEDMAN, D. N., et al. orgs. <i>Anchor Bible dictionary</i> (New York: Doubleday, 1992). 6 vols.
AT	Antigo Testamento
alt.	alterado(a)
<i>b.</i>	Talmude Babilônico
<i>BDAG</i>	BAUER, W.; DANKER, F. W.; ARNDT, W. F.; GINGRICH, F. W., orgs. <i>A Greek-English lexicon of the New Testament and other early Christian literature</i> . 3. ed. (Chicago: University of Chicago Press, 2000).
<i>CAH</i>	<i>Cambridge ancient history</i> . Edição de COOK, S. A.; ADCOCK, F. E.; CHARLESWORTH, M. P. (Cambridge: Cambridge University Press, 1934). 10 vols.
CSB	Christian Standard Bible
Diáspora	A experiência histórica judaica do Exílio
diáspora	Todos os outros exílios, exceto o judeu
ESV	English Standard Version
<i>GELNT</i>	<i>Greek-English lexicon of the New Testament based on semantic domains</i> . LOUW, J. P.; NIDA, E. A., orgs. (New York: United Bible Societies, 1988-1989). 2 vols. [publicado em português por Sociedade Bíblica do Brasil sob o título <i>Léxico grego-português do Novo Testamento: baseado em domínios semânticos</i> ].
gr.	grego
hebr.	hebraico
KJV	King James Version
lat.	Latim
lit.	literalmente
LXX	Septuaginta, tradução grega do Pentateuco
MMM	Manuscritos do Mar Morto

NA <sup>27</sup>	[NESTLE, E. e E.]; ALAND, B; ALAND, K.; KARAVIDOPOULOS, J.; MARTINI, C. M.; METZGER, B. M., orgs. <i>Novum Testamentum Graece</i> . 27. ed. rev. (Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1993).
NA <sup>28</sup>	[NESTLE, E. e E.]; ALAND, B; ALAND, K.; KARAVIDOPOULOS, J.; MARTINI, C. M.; METZGER, B. M., <i>Novum Testamentum Graece</i> . 28. ed. rev. (Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2016) [publicado em português por Sociedade Bíblica do Brasil sob o título <i>Novum Testamentum Graece — NA<sup>28</sup></i> ]
NASB	New American Standard Bible
NETS	<i>New English translation of the Septuagint</i> . PIETERSMA, A., org. (Oxford: Oxford University Press, 2007).
NIDNTT	<i>New international dictionary of New Testament theology</i> . BROWN, Colin, org. (Grand Rapids: Zondervan, 1975-1978) 4 vols. [publicado em português por Vida Nova sob o título <i>Novo dicionário internacional de teologia do Novo Testamento</i> ].
NIDNTTE	<i>New International Dictionary of New Testament Theology and Exegesis</i> . SILVA, Moisés, org. (Grand Rapids: Zondervan, 2014). 5 vols.
NIV	New International Version
NKJV	New King James Version
NLT	New Living Translation
NRSV	New Revised Standard Version
NT	Novo Testamento
OTP	<i>The Old Testament pseudepigrapha</i> . CHARLESWORTH, J. H., org. (Garden City: Doubleday, 1983-1985). 2 vols.
pl.	plural
port.	português
TDNT	<i>Theological dictionary of the New Testament</i> . KITTEL, G.; FRIEDRICH, G., orgs. Edição e tradução para o inglês de G. W. Bromiley (Grand Rapids: Eerdmans, 1964-1976). 10 vols.
tb.	também
TM	Texto Massorético
UBS <sup>5</sup>	United Bible Society Greek New Testament, 5. ed.
VGA	Versão Grega Antiga, tradução grega do AT, exceto o Pentateuco

### Bíblia hebraica

Gn	Gênesis
Êx	Êxodo
Lv	Levítico
Nm	Números
Dt	Deuteronômio
Js	Josué
Jz	Juízes

Rt	Rute
1Sm	1Samuel
2Sm	2Samuel
1Rs	1Reis
2Rs	2Reis
1Cr	1Crônicas
2Cr	2Crônicas
Ed	Esdras
Ne	Neemias
Et	Ester
Jó	Jó
Sl	Salmos
Pv	Provérbios
Ec	Eclesiastes
Ct	Cântico dos Cânticos
Is	Isaías
Jr	Jeremias
Lm	Lamentações de Jeremias
Ez	Ezequiel
Dn	Daniel
Os	Oseias
Jl	Joel
Am	Amós
Ob	Obadias
Jn	Jonas
Mq	Miqueias
Na	Naum
Hc	Habacuque
Sf	Sofonias
Ag	Ageu
Zc	Zacarias
Ml	Malaquias

### Testamento grego

Mt	Mateus
Mc	Marcos
Lc	Lucas
Jo	João
At	Atos dos Apóstolos
Rm	Romanos
1Co	1Coríntios
2Co	2Coríntios



Gl	Gálatas
Ef	Efésios
Fp	Filipenses
Cl	Colossenses
1Ts	1 Tessalonicenses
2Ts	2 Tessalonicenses
1Tm	1 Timóteo
2Tm	2 Timóteo
Tt	Tito
Fm	Filemom
Hb	Hebreus
Tg	Tiago
1Pe	1 Pedro
2Pe	2 Pedro
1Jo	1 João
2Jo	2 João
3Jo	3 João
Jd	Judas
Ap	Apocalipse

### Outros escritos judaicos e cristãos

At. Ped.	Atos de Pedro
<i>Bapt.</i>	Tertuliano, <i>De baptismo</i>
<i>2Br</i>	<i>2Baruque (Apocalipse siríaco)</i>
<i>b., Sanh.</i>	<i>Talmude Babilónico, Sanhedrin [Sinédrio]</i>
<i>1Clem.</i>	<i>1Clemente</i>
<i>Did.</i>	<i>Didaqué</i>
<i>2Ed</i>	<i>2Esdras</i>
<i>1En</i>	<i>1Enoque (etíope)</i>
<i>Eo</i>	<i>Eclesiástico (ou Sirácida)</i>
<i>HE</i>	<i>Eusébio, História eclesiástica</i>
<i>In, Ef</i>	<i>Inácio, Carta aos efésios</i>
<i>In, Es</i>	<i>Inácio, Carta aos esmirneus</i>
<i>In, Fi</i>	<i>Inácio, Carta aos filadelfenos</i>
<i>In, Mg</i>	<i>Inácio, Carta aos magnésios</i>
<i>In, Rm</i>	<i>Inácio, Carta aos romanos</i>
<i>In, Tr</i>	<i>Inácio, Carta aos tralianos</i>
<i>Jt</i>	<i>Judite</i>
<i>1—4Mc</i>	<i>1—4Macabeus</i>
<i>Or. sib.</i>	<i>Oráculos sibílinos</i>
<i>Pol. Fp.</i>	<i>Policarpo, Aos filipenses</i>
<i>Strom.</i>	<i>Clemente de Alexandria, Stromata (Miscelâneas)</i>



# Transliteração

## Hebraico

א	,	קִי	ā qāmes
ב	b	קִי	a pataḥ
ג	g	קִי	a pataḥ furtivo
ד	d	קִי	e sĕgôl
ה	h	קִי	ē šērê
ו	w	קִי	i ḥîreq breve
ז	z	קִי	ī ḥîreq longo escrito defectivamente
ח	ḥ	קִי	o qāmes ḥātûph
ט	ṭ	קִי	ô ḥôlem escrito plenamente
י	y	קִי	ō ḥôlem escrito defectivamente
כ	k	קִי	û šûreq
ל	l	קִי	u qibbûṣ breve
מ	m	קִי	ū qibbûṣ longo escrito defectivamente
נ	n	קִי	â qāmes ḥê' (קִי = āh)
ס	s	קִי	ê sĕgôl yôd (קִי = êy)
ע	.	קִי	ê šērê yôd (קִי = êy)
פ	p	קִי	î ḥîreq yôd (קִי = îy)
צ	ṣ	קִי	ā ḥātĕph pataḥ
ק	q	קִי	ě ḥātĕph sĕgôl
ר	r	קִי	ô ḥātĕph qāmes
ש	ś	קִי	ə šĕwā' vocálico
ת	t	קִי	- šĕwā' silencioso

## Notas sobre a transliteração do hebraico

1. Acentos não aparecem na transliteração.
2. O šĕwā' silencioso não é indicado na transliteração.
3. As formas não aspiradas de ת פ כ ג ד ב não são especialmente indicadas na transliteração.

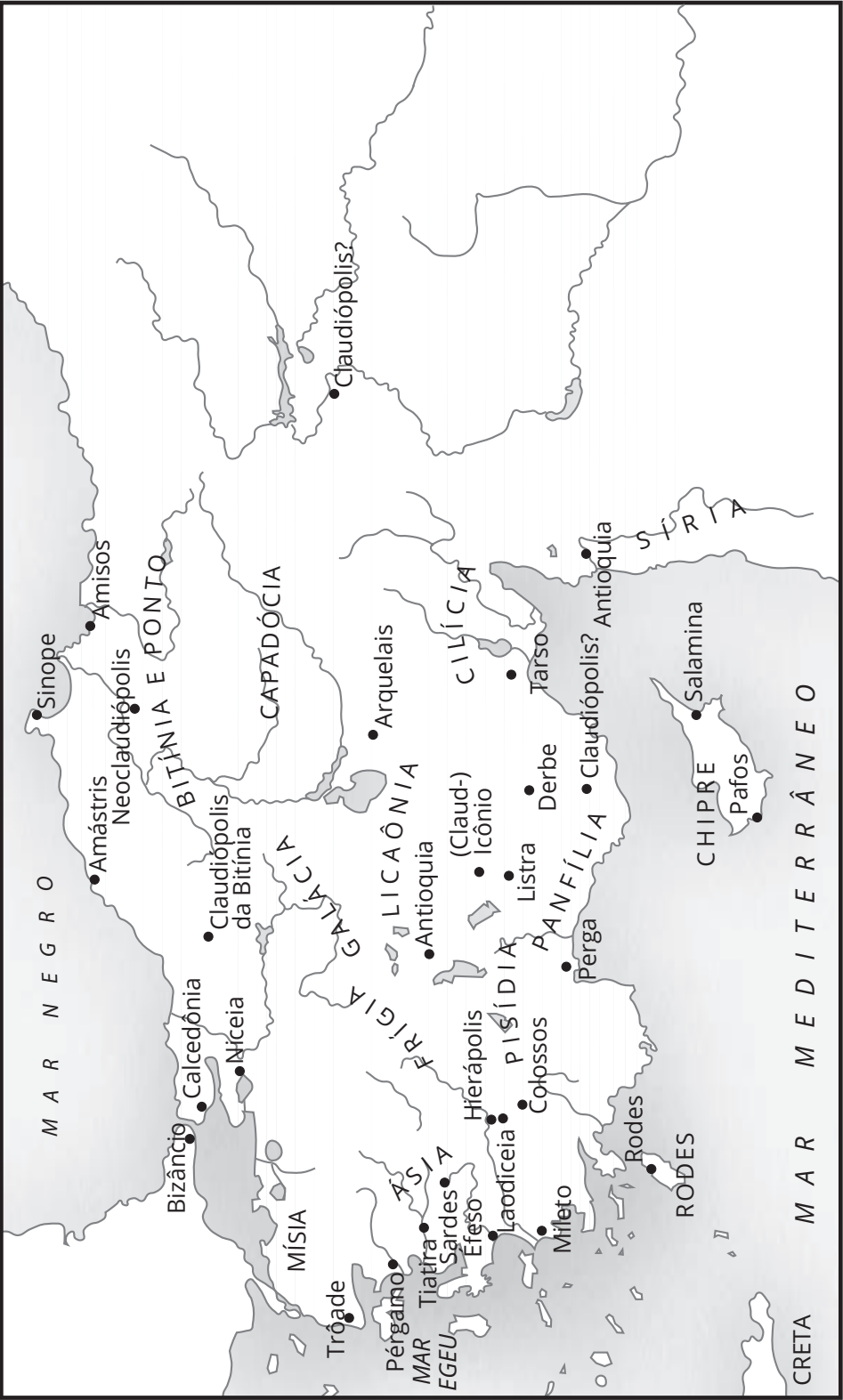
4. O *dāgēš* forte é indicado pela duplicação da consoante. O *dāgēš* presente por razões de eufonia e o *dāgēš* *lene* não são indicados na transliteração.
5. O *maqqēp* é indicado por hífen.

### Grego

α	a	ξ	x
β	b	ο	o
γ	g/(n)	π	p
δ	d	ρ	r
ε	e	σ/ς	s
ζ	z	τ	t
η	ē	υ	y/(u)
θ	th	φ	ph
ι	i	χ	ch
κ	k	ψ	ps
λ	l	ω	ō
μ	m	·	h
ν	n		

### Notas sobre a transliteração do grego

1. Acentos, aspiração branda e iota subscrito não aparecem na transliteração.
2. A transliteração da aspiração forte vem antes de vogais ou ditongos (e.g., ᾰ = ha, αἰ = hai) e depois do ρ̣ (i.e., = rh).
3. O gamma só é transliterado como n quando vem antes de γ, κ, ξ ou χ.
4. O ypsilon só é transliterado como u quando é parte de um ditongo (i.e., αυ, ευ, ου, υι).



# Introdução a 1Pedro

## I. Importância da carta

O apóstolo Pedro encerra sua carta com uma declaração sobre sua importância: “Esta é a verdadeira graça de Deus. Permaneçam firmes nela” (1Pe 5.12). Por dois mil anos, os crentes ao redor do mundo têm lido a Carta que Pedro escreveu aos crentes do século 1 na Ásia Menor como Palavra de Deus. O apóstolo explica a importância do sofrimento de Jesus e como seus seguidores devem praticar a própria fé no âmbito da realidade da ressurreição de Cristo. A Epístola de 1Pedro tem sido corretamente descrita como “a mais condensada síntese neotestamentária da fé cristã e da conduta que ela inspira” (Clowney 1988, p. 15). Martinho Lutero a descreve como “um dos livros mais nobres do Novo Testamento” e um “modelo de excelência” equiparado até mesmo com Romanos e o Evangelho de João (Pelikan 1967, p. 4, 9; Blevins 1982, p. 401). Lutero acreditava que ela continha tudo quanto o cristão necessitava saber (Achtemeier 1996, p. 64). Talvez a relevância universal dessa carta se deva à sua apresentação do evangelho de Jesus Cristo como o princípio fundamental segundo o qual a vida cristã é vivida em meio à sociedade incrédula dominante.

No pensamento de Pedro, a vida de Jesus e a vida do crente são inseparáveis. Em 1Pedro, Jesus não é só o objeto da fé cristã; ele é também o modelo do caminho cristão. A ressurreição de Jesus é a fonte da nova vida do crente (1.3). Sua disposição para sofrer injustamente cumprindo o propósito de Deus é o protótipo a que os crentes são chamados ao viverem sua vida de fé, seguindo em seus passos (2.21).

Para os leitores originais a quem Pedro escreveu, a identidade cristã deles era não apenas fonte de grande exultação, mas também, ironicamente, a razão por que eram afligidos com vários tipos de provações (1.6). Em razão de sua fé cristã, eles eram marginalizados pela sociedade em que viviam, antagonizados em seus relacionamentos e ameaçados com — ou até estivessem vivenciando — perda de honra e de posição socioeconômica (e possivelmente coisas piores).

Durante os últimos dois mil anos, muitos cristãos ao redor do mundo têm sofrido, da parte das sociedades em que vivem, semelhante reação negativa à sua fé. Mesmo hoje, muitos vivem em perigo por causa de sua fé em Cristo. Para eles, as palavras do apóstolo falam diretamente à sua situação, proporcionando consolação, encorajamento e orientação.

Mas há também muitos leitores contemporâneos de 1Pedro que não conseguem se identificar de forma direta com essa situação. Somos afortunados o suficiente para viver em sociedades em que, falando de modo genérico, a fé cristã não rebaixa a condição social, não põe vidas em perigo, nem ameaça a vida em si. Que importância poderia ter essa antiga carta para cristãos que raramente experimentam antipatia social e sofrimento por causa da fé? Certo erudito bíblico luterano, cuja maior parte da carreira profissional foi dedicada a 1Pedro, confessa: “Quanto mais a estudo, mais estranha ela parece aos interesses e projetos do cristianismo geral” (J. H. Elliott 1998, p. 179). O debate de 1Pedro em sala de aula deu origem à sugestão de que essa epístola talvez se destine à igreja em outro tempo e lugar, e sua mensagem de sofrimento não seja necessariamente aplicável à igreja hoje. A relativa negligência de 1Pedro em sermões e estudos bíblicos talvez comprove a verdade dessa ideia na prática, se não a confirma em princípio.

Mas o cristianismo americano, visto numa perspectiva global, ocupa na cristandade um lugar cada vez menos proeminente. Ao escrever a respeito da emergência de grandes populações cristãs no mundo inteiro, P. Jenkins (2002: 218) observa:

Para o público ocidental comum, as passagens do Novo Testamento sobre permanecer firme em face da perseguição pagã têm pouca relevância imediata [...] Milhões de cristãos ao redor do mundo efetivamente vivem em constante perigo de perseguição ou de conversão forçada, tanto por parte de governos como de paramilitares locais [...] Os crentes comuns são forçados a entender por que estão enfrentando esses sofrimentos, e o fazem muitas vezes na linguagem conhecida da Bíblia e do cristianismo primitivo.

Sempre que os cristãos são minoria, a mensagem de 1Pedro assume relevância renovada. Por exemplo, a carta do apóstolo tornou-se uma fonte de esperança e encorajamento para os estudantes cristãos da Universidade de Halle, na Alemanha sob domínio soviético depois da Segunda Guerra Mundial (Boring 1999: 143). Na antiga Iugoslávia e na Indonésia muçulmana, 1Pedro tem sido o livro mais prezado entre os cristãos (McKnight 1996: 35). E. Wendland (2000: 68-78) analisa a relevância contemporânea de 1Pedro para o povo banto na África.

Mesmo nos Estados Unidos, J. H. Elliott aplica os princípios de Pedro ao Movimento Santuário, que acolhe e dá abrigo a refugiados políticos.

Sem dúvida, o etos social do ambiente greco-romano do século 1 de 1Pedro é substancialmente diverso do etos das culturas atuais fundamentadas na ética judaico-cristã. Apesar disso, os princípios sobre os quais Pedro oferece consolação, encorajamento e orientação a seus leitores originais em sua situação específica são aplicáveis a todos os cristãos de todos os tempos. O apóstolo quer que seus leitores reconheçam o escopo abrangente da nova vida em Cristo e as implicações na maneira em que veem a si mesmos, agora que nasceram de novo pela misericórdia de Deus Pai, mediante a ressurreição de Jesus Cristo (1.3). Eles não devem mais considerar o relacionamento com a família e a sociedade da mesma maneira que antes, em sua antiga vida (4.3). Conforme esclarece S. McKnight (1996: 36), “Pedro deseja que seus leitores entendam o que são diante de Deus para que possam ser o que são na sociedade”.

No entanto, o autoentendimento cristão baseado no NT é cristocêntrico e a sociedade não é cristocêntrica. Nisto reside a importância de 1Pedro para os leitores modernos. A mentalidade dos cristãos a respeito do que são em Cristo, incluindo as consequências disso para os relacionamentos com os outros crentes e com a sociedade, precisa ser transformada não importa o momento histórico ou a localização geográfica. O princípio “é melhor sofrer do que pecar” (veja análise mais detalhada adiante) é relevante a todo cristão que precisa decidir como viverá. A Epístola de 1Pedro aplica princípios de conduta cristã a uma igreja específica, a qual pratica a fé em dias atribulados, e, por isso, essa carta tem algo importante a dizer acerca do envolvimento dos cristãos com a cultura. Esses conceitos de autoentendimento cristão e de relacionamento com a cultura falam ao coração dos crentes, sejam eles bebês em Cristo, sejam veteranos na fé.

A Carta de 1Pedro encoraja um entendimento transformado de autoidentidade cristã que redefine como o cristão deve viver em um mundo hostil aos princípios básicos do evangelho. Reconhecendo essa repulsão, Pedro escreve àqueles a quem se dirige como “forasteiros e estrangeiros residentes” (2.11) na sociedade em que vivem. Ele apresenta Jesus Cristo como o verdadeiro forasteiro, que veio a este mundo, mas foi rejeitado e executado por ele. Ao refletir na mensagem de 1Pedro, M. Volf (1994: 17) escreve: “A raiz do autoentendimento cristão como estrangeiros e peregrinos firma-se menos na história de Abraão, Sara e a nação de Israel do que no destino de Jesus Cristo, em sua missão e rejeição que, no fim, o levou à cruz”. O exemplo do sofrimento de Cristo em 1Pedro é o padrão que explica a experiência dos cristãos que sofrem por causa de sua fé. O relacionamento entre Cristo e o mundo é o que define o princípio básico do autoentendimento cristão e do envolvimento cristão com a cultura.



Portanto, Pedro exorta os cristãos a lidarem com o mundo como forasteiros e estrangeiros residentes, tendo um respeito saudável pela sociedade e cultura na qual vivem, enquanto mantêm uma apropriada separação dela. Como forasteiros e estrangeiros residentes os leitores de Pedro devem se abster dos desejos iníquos que, conquanto talvez sejam socialmente aceitáveis, guerreiam contra a alma, ao mesmo tempo que vivem de modo decoroso entre os gentios (2.11-12).

O relacionamento entre o cristão e a cultura é um tema dominante em 1Pedro, tão relevante agora como quando a carta foi escrita. Valendo-se do que denominou de “método sociológico”, J. H. Elliott (1981) argumentou que a preocupação do autor de 1Pedro era preservar a identidade da igreja e desestimular a adequação à cultura circundante. No mesmo ano, D. L. Balch (1981) investigou a questão da relação da comunidade cristã com a cultura levando em conta os códigos domésticos no contexto sócio-histórico (2.18—3.7) e concluiu, ao contrário de Elliott, que o autor de 1Pedro estava na verdade encorajando certo nível de adequação à sociedade a fim de evitar uma indevida separação dela. As duas posições reduzem a complexidade de 1Pedro acerca da questão, a qual, como observa Volf (1994: 22), exige “a possibilidade de rejeitar ou de adequar aspectos específicos da cultura circundante caso a caso”. Na mesma linha, D. Horrell (2007a: 141) argumentou mais recentemente que a carta “procura equilibrar-se entre a conformidade e a resistência”, uma observação precisa.

A Epístola de 1Pedro apresenta vários exemplos de adequação, rejeição, subversão e transformação da cultura. Um caso básico são os chamados códigos domésticos de 2.18—3.7, que tratam do relacionamento entre os membros da família do século 1, mas o faz tendo em vista o zelo apologético quanto à relação da comunidade cristã com a sociedade na qual se radicou (veja comentários de 2.18—3.7). Os princípios de aceitação e rejeição diferenciados da cultura do século 1 registrados em 1Pedro talvez forneçam a contribuição mais significativa da carta ao pensamento cristão. Além disso, os princípios de Pedro continuam importantes para a igreja hoje, vivendo dias nos quais os valores e as estruturas sociais mudam rapidamente. A epístola é relevante de maneira especial no Sul Global, onde o cristianismo não é mais uma religião missionária, mas tornou-se autóctone em culturas que não foram formadas pela tradição judaico-cristã. A ênfase de 1Pedro no envolvimento cristão com a sociedade converte-a em livro relevante e intelectualmente instigante para todas as épocas e lugares.

Além de ponderar a respeito do relacionamento do cristão com a sociedade, 1Pedro levanta uma segunda questão correlata ao apresentar o princípio desafiador de que é melhor sofrer do que pecar. Os cristãos devem enxergar a si mesmos como pessoas que romperam com o pecado (veja comentário de 4.1), o que implica que devem estar preparados para sofrer as consequências de não pecar.

A ideia de que sofrer é parte normal da vida cristã (4.12) e está dentro da vontade de Deus pode ser assustador, especialmente para quem se tornou cristão imaginando que “Deus ama você e tem um plano maravilhoso para sua vida”. É fácil confundir expiação vicária com sofrimento vicário e achar que, pelo fato de Jesus ter sofrido, os cristãos não precisam sofrer. O lugar do sofrimento na vontade de Deus era confuso também para os leitores originais de Pedro. O apóstolo explica a experiência deles à luz do exemplo de Jesus e desafia os cristãos a viverem o evangelho com ousadia, aceitando o sofrimento caso ele aconteça. Diante da pressão para se conformarem às expectativas sociais, Pedro exorta seus leitores a procederem de modo correto, viverem piedosamente, aceitarem o sofrimento resultante e continuarem a confiar em Deus.

Os cristãos a quem Pedro escreveu estavam sofrendo por viverem segundo prioridades, valores e fidelidade diferentes dos de seus vizinhos pagãos. Essas diferenças eram visíveis o suficiente para levarem os incrédulos a prestar atenção e, em alguns casos, ofender e maltratar os que viviam segundo a fé em Cristo. Os cristãos estariam dispostos a suportar hoje a rejeição da nossa sociedade por causa da obediência a Cristo? Se as estatísticas não mentem, parece que a maior parte dos cristãos, mesmo os que se denominam evangélicos, em alguns aspectos importantes não é muito diferente dos incrédulos. Divorciamo-nos com a mesma frequência. Temos os mesmos vícios. Buscamos as mesmas formas de entretenimento. Usamos a mesma moda. E assim por diante. A Carta de 1Pedro desafia os cristãos a reexaminarem a aceitação das normas da sociedade e a estarem dispostos a sofrer a antipatia de ser um estrangeiro visitante em nossa própria cultura sempre que seus valores conflitam com os de Cristo.

Mesmo os crentes que não sofrem perseguição por causa da fé são chamados ao sofrimento da abnegação. Imagina-se muitas vezes que o pecado seja motivado pela tentação ao prazer. Mas talvez o real poder do pecado resida em evitar a dor e o sofrimento. É melhor sofrer necessidades e desejos não satisfeitos do que pecar. Não é isso o que significa abnegação? Jesus fez a ligação da abnegação com o seguir seus passos, quando disse: “Todo aquele que quiser ser meu discípulo precisa negar a si mesmo, tomar a sua cruz e *me seguir*” (Mc 8.34, grifo desta autora). Por exemplo, a tentação de mentir não é muitas vezes a tentativa de sair incólume em vez de enfrentar as consequências da verdade? A tentação de colar na prova não é uma indisposição para sofrer a perda de reputação ou outras consequências que o fracasso pode causar? O pecado sexual não é muitas vezes uma alternativa ao sofrimento de viver com profundas necessidades emocionais e físicas não satisfeitas? De acordo com Pedro, a dor e o sofrimento que a abnegação causa é um sofrimento piedoso melhor do que a rendição ao pecado (1Pe 4.1-2).